

PROJETO DE LEI N.º , DE 2007
(Do Sr. Carlos Brandão)

Institui o Dia do Vaqueiro Nordestino,
a ser comemorado, anualmente, no terceiro
domingo do mês de julho.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º Fica instituído, no calendário das efemérides
nacionais, o Dia do Vaqueiro Nordestino, a ser comemorado, anualmente, no
terceiro domingo do mês de julho.

Art. 2º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

JUSTIFICAÇÃO

A proposta que ora apresentamos tem o intuito de prestar justa homenagem ao vaqueiro nordestino – referência na cultura nacional, importante ator da nossa história, tipo emblemático, símbolo do homem forte e indomável que habita os sertões brasileiros.

Nascido da fusão de brancos, indígenas e negros ao longo do processo de interiorização do nosso território, no qual a pecuária teve papel fundamental, a figura do vaqueiro foi eternizada na literatura de Euclides da Cunha,

de Guimarães Rosa, de Ariano Suassuna, no cinema, nas novelas de televisão, na música, de modo que esse tipo nordestino assume hoje, no imaginário dos brasileiros, a representação do homem valente, lutador, resoluto e desbravador, que se integra ao ambiente inóspito em que vive, como se dele fosse parte.

Além da força e da coragem, a figura elegante do vaqueiro nordestino – nosso cavaleiro de armadura de couro – faz parte do repertório simbólico nacional. Sua vestimenta clássica compõe-se do chapéu, que o protege do sol, dos espinhos e dos galhos da caatinga; do gibão, enfeitado com pespontos e fechado com cordões; do pára-peito, seguro por uma alça que passa pelo pescoço; do jaleco, espécie de bolero feito de couro de carneiro; das perneiras, que cobrem os membros inferiores do pé até a virilha, sendo presas na cintura para que o corpo fique livre para cavalgar; das luvas que cobrem as costas das mãos, deixando os dedos livres; e das alpercatas ou botinas, nos pés. O vaqueiro usa ainda um par de esporas e, sempre à mão, uma chibata de couro, indicando que, se não está montado, poderá fazê-lo a qualquer momento.

Nas fazendas de gado do sertão brasileiro, é profissional que ocupa posição de destaque. Montado a cavalo, percorre as propriedades, fiscalizando pastagens, cercas e aguadas. É quem busca o gado e o encaminha a seu destino. Cabe a ele, ainda, reunir os animais nos currais, além de marcá-los a ferro com a marca do seu dono.

Enquanto conduz o gado ou guia a boiada para a pastagem, o vaqueiro faz soar o aboio, toada dolente, de melodia lenta, entoada livremente, sem letras, frases ou versos, a não ser o incitamento final, que é falado e não cantado, adaptada ao andar vagaroso dos animais e à liberdade do estilo de vida dos vaqueiros.

Essa figura tão brasileira que simboliza o destemor e a força do nosso povo também o representa na manifestação da sua fé. Anualmente, no terceiro domingo de julho, os sertanejos de vários Estados do Norte e Nordeste se reúnem no Município de Serrita, Estado de Pernambuco, para a celebração da Missa do Vaqueiro – evento religioso tradicional na cultura popular nordestina, em que se homenageia Raimundo Jacó, vaqueiro covardemente assassinado na década de 50.

Durante a celebração, a maioria do público assiste à cerimônia montada em seus cavalos. Na comunhão, a hóstia é substituída por queijo, rapadura e farinha de mandioca, alimentos do cotidiano dos habitantes do sertão. No momento da oferenda, os vaqueiros sobem ao altar e ofertam partes de sua indumentária de couro, arreios e instrumentos usados no pastoreio. Dessa forma, o evento reúne a riqueza da cultura nordestina e a tradição católica, resultando em festa que cresce a cada ano, consolidando-se como referência religiosa, cultural e turística do nosso povo.

A Missa do Vaqueiro já é um marco no calendário sertanejo. Por essa razão, escolhemos a data em que a cerimônia se realiza a cada ano – o terceiro domingo do mês de julho – para homenagear, nacionalmente, os vaqueiros nordestinos e, por meio deles, todos os boiadeiros do País.

Para Câmara Cascudo, o vaqueiro é o “*cantador de desafios, cangaceiro afoito, valente defensor da propriedade confiada à sua coragem solitária*”. Afirmo o mestre que “*ser vaqueiro é ser destemido, corajoso; é ser perseverante, ter paciência e sabedoria*”. Não há como negar a importância desse tipo nordestino como referência da cultura nacional e como significativo elemento de identidade do nosso povo. Por essa razão, propomos que seja instituída data nacional de preito e reconhecimento – do poder público e de todos os brasileiros – ao vaqueiro nordestino.

Pedimos, portanto, a aprovação para matéria, na esperança de que a importância da homenagem proposta seja também reconhecida pelos nobres pares.

Sala das Sessões, em de de 2007.

Deputado **Carlos Brandão**